

## O CONCURSO DE REDAÇÕES FILOSÓFICAS DO PIBID DE FILOSOFIA DA UESC

### THE PHILOSOPHICAL WRITING COMPETITION OF PIBID OF PHILOSOPHY OF UESC

Josué Cândido da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste relato, pretendemos apresentar um balanço do nosso primeiro concurso de redações filosóficas desenvolvido em 2012. Trata-se de uma proposta que envolveu cinco escolas da região de Ilhéus e Itabuna, no sul da Bahia, e mais de mil alunos em sua fase inicial. Nosso objetivo era estimular os alunos do Ensino Médio a desenvolverem suas habilidades de argumentação escrita através da discussão de problemas filosóficos. Foram propostos cinco temas, de acordo com o que estava sendo trabalhado em cada série, a serem escolhidos pelos alunos. Em uma primeira fase, participaram todos os alunos no âmbito de abrangência do PIBID de Filosofia da UESC. Destes, foram selecionados os melhores trabalhos para uma segunda fase em que tiveram a orientação dos bolsistas do PIBID com indicações de leitura e de como melhorar as ideias apresentadas no texto. Em uma terceira fase, foram selecionados os seis alunos vencedores do concurso. Em nosso relato, faremos uma avaliação de como o concurso contribuiu na melhoria da argumentação escrita dos alunos, além de outros resultados positivos decorrentes do mesmo. Apresentaremos também as principais dificuldades no intuito de servir como um parâmetro para aplicação ou modificação da proposta por PIBIDs de Filosofia de outras universidades.

**Palavras-Chave:** Redações filosóficas, argumentação escrita, Filosofia no Ensino Médio.

**Abstract:** In this report, we intend to present a balance of our first competition on philosophical essays developed in 2012. Five schools in the region of Ilhéus and Itabuna, in the south of Bahia, and more than a thousand students are

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESC. E-mail: <josil@uesc.br>

involved in this project. Our goal was to encourage high school students to develop their writing skills by discussing philosophical problems. Five themes were proposed, according to what was being worked on in each series, to be chosen by the students. In a first phase of project, all the students participated in the scope of Philosophy/PIBID of UESC. Among these, the best works were selected for a second phase in which they had orientation to improve the presented ideas in the text and argumentation. In a third phase, the six winning students were selected. In our report, we will make an evaluation of how the competition contributed to the improvement of students' written argumentation, as well as other positive results derived from it. We will also present the main difficulties in order to serve as a parameter for application or modification of the project by Philosophy/ PIBIDs in other universities.

**Keywords:** Philosophical writing, written argumentation, Philosophy in High School.

## 1. Um pouco de história

O PIBID de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) teve início em abril de 2010. Iniciamos com três escolas participantes, duas de Itabuna e outra de Ilhéus, contando com uma equipe de dois supervisores e vinte alunos bolsistas de Filosofia. Nossa proposta era que cada bolsista acompanhasse somente uma turma, para poder melhor avaliar os efeitos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID em sua turma.

De início tínhamos dois desafios pela frente, de um lado, os bolsistas que só tinham um conhecimento teórico do que seria ensinar Filosofia, de outro, os supervisores com práticas tradicionais de ensino e colocados na situação inusitada de ter que dividir suas turmas com “outros professores”. Para tentar diminuir a distância entre as duas realidades, pensamos em partir de um diagnóstico sobre qual seria o papel da Filosofia, como disciplina pedagógica, no Ensino Médio.

Muitos graduados em Filosofia vão trabalhar em escolas públicas tentados a reproduzir aquilo que viram e estudaram na universidade. Quando seus planos malogram, costumam culpar a escola e os alunos, dizendo que eles são desmotivados e indisciplinados. Uma forma de fazer com que os “pibidianos” tomassem pé da realidade, antes de ficarem frustrados com ela, foi pedir que aplicassem o tema de redação do vestibular da UESC de 2009 em suas turmas, não importando se eram alunos do primeiro, segundo ou terceiro ano do Ensino Médio.

Em seguida, oferecemos a eles um curso para uniformizar os padrões de correção das mesmas. O resultado, como previa, foi que eles ficaram chocados com o baixo desempenho dos alunos, descobrindo inclusive, que havia alunos no Ensino Médio que mal sabiam escrever.

A partir desse diagnóstico, foi possível planejar conjuntamente sobre qual seria o objetivo de ensinar Filosofia naquela situação concreta. Percebemos que, mais importante do que ensinar um conjunto de conteúdos, a tarefa da Filosofia no Ensino Médio estava ligada ao desenvolvimento do pensamento de ordem superior.

Segundo Matthew Lipman, o pensamento de ordem superior “é conceitualmente rico, coerentemente organizado e persistentemente investigativo” (LIPMAN, p. 37) e tem como pressupostos as teorias da aprendizagem de Piaget e Vygotsky de que “não é por meio do refinamento das habilidades cognitivas que o pensamento de ordem superior é aperfeiçoado, mas sim que o pensamento de ordem superior é o contexto no qual as habilidades cognitivas são aperfeiçoadas” (LIPMAN, p. 40). Ou seja, não se ensina certos conjuntos de habilidades e depois se espera que as partes se juntem para formar a totalidade do pensamento de ordem superior. Isto seria o mesmo que acreditar que depois de ensinar uma pessoa a usar o alicate, o martelo e outras ferramentas ela se tornaria um mecânico. Na prática, são as estratégias que elaboramos para resolver os problemas que nos revelam quais as ferramentas mais adequadas em cada caso. Portanto, o ensino do pensamento de ordem superior deve ser feito de modo direto e imediato através do diálogo filosófico em sala de aula, em que professor e alunos formam uma verdadeira comunidade de investigação sobre temas filosóficos apresentados de modo problematizador.

Para preparar bolsistas e supervisores para empregarem as metodologias adequadas na realização dos objetivos propostos, realizamos mais de trinta horas de curso durante as férias de julho de 2010. Nesse curso, partimos do pressuposto de que existem alguns princípios metodológicos de uma educação voltada para o pensar que são diferentes de uma educação centrada na figura do professor e na transmissão de conteúdo. Além disso, assumimos que tanto supervisores como bolsistas desconheciam tais princípios, portanto, que todos ali estavam em uma situação nova de experimentação e aprendizado. Um dos supervisores não

encarou desta maneira, achou que já sabia de tudo e se mostrou pouco aberto à experimentação. Essa foi uma das dificuldades que acabou o afastando do programa. Aliás, creio que seja uma dificuldade recorrente na experiência do PIBID. Se os supervisores e coordenadores não estiverem dispostos a aproveitar o ímpeto inovador dos bolsistas, dificilmente a proposta do PIBID poderá ter êxito. Mas, do contrário, quando há uma sintonia na equipe, os resultados aparecem rapidamente. Talvez, não intencionalmente, o PIBID venha provocar uma mudança na relação tradicional entre professor e aluno, em que o professor é aquele que sabe e tem o “domínio” da classe. Ter um bolsista atuando conjuntamente, além de um coordenador da universidade, fragiliza essa postura e cria insegurança. Se for um professor aberto à inovação e comprometido com o que faz, só tem a ganhar com essa situação. Caso contrário, pode se sentir desconfortável e gerar atritos. A partir do curso, tornou-se mais fácil realizar as reuniões semanais de planejamento em que bolsistas, supervisores e coordenador definem juntos o que vai ser trabalhado na semana seguinte e quais as estratégias a serem empregadas em classe a partir da avaliação de como está transcorrendo o desenvolvimento do planejamento em cada turma.

## **2. Nossa proposta**

Uma das singularidades do ensino de Filosofia é a dificuldade dos filósofos em definir se seria apropriado ou não ensinar Filosofia aos jovens e, em caso afirmativo, o que deveria ser ensinado. Aqui a Filosofia se depara não só com questões de método, mas com as diferentes formas de pensar a si mesma. Por exemplo, se ela é apenas uma atividade especulativa, mais adequada à vida acadêmica, ou se é uma atividade ligada às indagações existenciais do ser humano e, nesse sentido, exercitada não só por filósofos profissionais, mas até mesmo por crianças e jovens, dentro e fora do ambiente escolar. Enfim, embora haja algum consenso sobre a necessidade de se ensinar Filosofia, não há consenso sobre o que deve ser ensinado, nem como.

A falta de parâmetros sobre o que ensinar em Filosofia é algo extremamente positivo porque alimenta sua própria atividade reflexiva. Contudo, a falta de padrões pode dar ensejo a todo tipo de prática, nem todas de cunho formativo. Uma maneira de sair desse impasse é atribuir algum objetivo prático para o ensino de Filosofia. Tal objetivo deve ser de alguma forma mensurável, pois não estamos ensinando Filosofia em uma praça ou jardim, mas na escola e, no caso do PIBID em particular, na escola pública. Portanto, o ensino de Filosofia necessita cumprir um papel pedagógico na formação dos jovens. Houve uma grande luta histórica para incluir a Filosofia definitivamente no currículo do Ensino Médio e seria desalentador ver jovens nas ruas pedindo a sua retirada. Nesse sentido, a batalha pela inclusão da Filosofia só estará ganha quando os jovens reconhecerem a importância da mesma em sua formação e dela fazerem uso, como parte de sua cultura geral, no decorrer de suas vidas.

Em linhas gerais, a proposta que elaboramos para o ensino de Filosofia no Ensino Médio foi a de fortalecer a capacidade de argumentação falada e escrita dos alunos e, se possível, transferir essa habilidade para outras disciplinas. Mas, poderíamos questionar: por que a Filosofia e não produção de texto ou linguagem, seria a disciplina mais adequada para isso?

É claro que nenhuma disciplina realiza bem o seu trabalho sem o concurso das outras. Porém, isso não quer dizer que não haja uma contribuição singular e específica de cada uma delas enquanto forma de pensar, seja pensar musicalmente, matematicamente e historicamente. No caso da Filosofia, o próprio pensar e reexaminar constante de seus conceitos e ideias determinam sua singularidade. Ela não se dirige a nenhum objeto em particular, mas trata do geral. É por isso que Ch. S. Peirce chama a Filosofia de Cenoscopia (Cf. PEIRCE CP 8.199), ou estudo das propriedades gerais. No entanto, não basta estar em contato com a Filosofia para apropriar-se de seus modelos de pensamento, é preciso exercitá-la através do diálogo filosófico.

Partindo do pressuposto de que a linguagem modela o pensamento. Os alunos melhoram a argumentação quando são submetidos à prática dialógica. Em uma prática pedagógica tradicional, os alunos exercitam muito o ouvir e o silêncio é visto como uma virtude em uma sala de aula. O professor, frequentemente tem a

ilusão de que os alunos estão compreendendo perfeitamente o que ele ensina, mas desconhece qual a real compreensão dos alunos, já que estes permanecem calados a maior parte do tempo.

O diálogo permite uma melhor avaliação de como está o acompanhamento da turma, além de proporcionar consequências éticas relevantes. Na prática dialógica alguns efeitos pragmáticos emergem como resultado da necessidade de realizar uma fala organizada em comunidade. Por exemplo, temos que nos fazer entender pelos outros ouvintes; apresentar razões para o que dizemos e perceber possíveis inconsistências e contradições na própria fala e na dos outros.

É claro que nenhum desses resultados aparece se a fala não for organizada dialogicamente pelo professor, que deve estar atento a cada fala dos alunos, colocando questões e problemas para que estes possam reexaminar seus pensamentos. Além disso, o professor deve cuidar para que o diálogo siga seu curso na investigação do problema, evitando a dispersão e a mera manifestação de vivências pessoais sem encadeamento entre si, nem evolução em alguma direção. O diálogo não pode confundir-se com mera conversa ou debate em que cada um manifesta suas impressões sobre um determinado tema. Em um verdadeiro diálogo, somos conduzidos através do pensamento e, embora nem todos estejam conscientes do rumo que o diálogo está tomando, pelo menos um – o professor – deve tê-lo muito claramente. Isso não quer dizer que ele deve manipular as opiniões dos alunos ou ajustá-las ao que ele pensa, mas cuidar para que todo aquele que argumenta seja respeitado em suas razões e responsável coletivamente pelos resultados alcançados comunicativamente.

Para que o diálogo possa existir, ao invés de um simples monólogo do professor, é preciso que os alunos se interessem pelos problemas filosóficos apresentados. Por isso, os problemas devem se apresentar a partir da experiência comum, ou seja, a partir das crenças partilhadas em nosso universo cultural ou "mundo da vida", como diria Habermas (ver HABERMAS, 2002, pp. 446-453).

Por vezes, é necessário que haja uma motivação para dar contorno ao problema, para isso o professor pode fazer uso de um filme, música ou jogo. O

professor também poderá usar um plano de discussão ou exercício para conduzir o diálogo ou determinada habilidade cognitiva que deseje trabalhar.

Estando os alunos motivados a investigar um problema filosófico, partimos para o diálogo sobre o texto. O professor pode optar por fazer uma aula expositiva sobre o tema para criar condições de ingresso no mesmo. Mas, é sempre melhor quando as questões surgem da leitura do texto. Como nosso objetivo é melhorar a fala e a escrita argumentativa dos alunos, nada melhor do que lerem para apreenderem modelos de argumentação escrita. Sempre que possível, deve-se dar preferência a pequenos trechos das obras dos próprios filósofos ao invés de trabalhar com manuais ou comentadores. Para tanto, o professor deve preparar uma seleção de textos a serem trabalhados em cada unidade. Como resultado de nossas experimentações em sala de aula, fomos formando um pequeno arquivo de planos de aula com as estratégias que foram testadas em classe. Assim, a medida que vamos realizando novos experimentos, vamos também ampliando nosso arquivo que no momento conta com algumas contribuições (Cf. <http://filosofianaescola-pibiduesc.blogspot.com.br/>).

### **3. O concurso**

O concurso de redações filosóficas é parte de nossa proposta descrita acima de melhoria da argumentação dos alunos. Ela surge a partir de uma iniciativa de duas bolsistas, Mariana Andrade e Delliana Ricelli (atualmente já graduadas), que fizeram a edição de um livro com os melhores textos de suas turmas no final de 2011. Nossa ideia inicial foi ampliar essa experiência envolvendo também o PIBID de Filosofia do edital de 2010, coordenado pelo professor Roberto Sávio Rosa no colégio estadual Moisés Bohana em Ilhéus. Ao mesmo tempo, houve a ampliação do nosso PIBID com a participação de mais uma supervisora em Itabuna e mais quatro bolsistas. No total, atingimos na etapa inicial, três escolas em Itabuna (CISO, CIOMF e Colégio Modelo de Itabuna), duas em Ilhéus (CEEP e Moisés Bohana) e cerca de mil alunos participantes. O concurso consistiu de várias etapas, pois nosso

interesse estava justamente em acompanhar o desenvolvimento da escrita do aluno e não simplesmente em premiar os melhores.

A primeira etapa foi realizada em abril com a divulgação do concurso nas escolas com cartazes e folders distribuídos aos alunos atendidos pelo programa como forma de motivá-los a participar do concurso. Após a divulgação, estabelecemos um prazo para entrega das redações. Para cada série foi definida uma sugestão de tema de acordo com o que estava sendo trabalhado na segunda e terceira unidades. O aluno deveria se posicionar sobre o tema defendendo um ponto de vista e mostrar uma razoável compreensão do problema. Para motivá-lo a um posicionamento, os temas foram formulados como perguntas.

A segunda etapa consistiu na seleção das redações. Os bolsistas discutiram sobre como estabelecer critérios comuns de avaliação. Foi consenso que deveríamos priorizar mais a criatividade do que aspectos formais que poderiam ser corrigidos no correr do tempo. Cada bolsista ficou responsável de selecionar entre cinco e dez redações de sua turma para continuarem no concurso. Eles deveriam conversar com os alunos se estes teriam interesse em continuar e melhorarem os seus textos. Aqueles alunos que resolvessem continuar participando do concurso deveriam receber orientações quanto à correção ortográfica e gramatical do texto, além de referências que poderiam explorar para tornar o texto ainda melhor. Isso foi bastante interessante porque muitos alunos passaram a ler textos filosóficos e discuti-los com os bolsistas, inclusive fora do período de aula em reuniões ou através de redes sociais. Também foi positivo por estreitar a relação dos bolsistas com os alunos, sem deixar de lado, é claro, os que não estavam participando dessa segunda etapa.

A terceira etapa consistiu na seleção dos melhores trabalhos entre as cinco escolas. Coordenador e supervisores avaliaram os quase cem trabalhos que chegaram e escolheram os vinte melhores entre eles que seriam publicados em um livro a ser distribuído entre todos os alunos nas escolas. Destes vinte trabalhos foram selecionados seis que seriam lidos pelos alunos como comunicações na XII Semana de Filosofia da UESC, que ocorreu de 4 a 7 de dezembro de 2012 no Auditório Jorge Amado da UESC. Dentro da programação da Semana, reservamos um espaço para as comunicações dos alunos do Ensino Médio na tarde do último dia do



evento e todos os que apresentaram seus trabalhos receberam um certificado pela sua comunicação.

Na quarta etapa convidamos os gestores das escolas, coordenadores pedagógicos e os supervisores, para participarem da seção de comunicações durante a XII Semana de Filosofia. Também conseguimos três ônibus para transportar os alunos para o evento. Este momento foi particularmente emocionante para os alunos ganhadores, pois estavam não só na Universidade, algo distante do imaginário de muitos deles, mas estavam lá, em um auditório lotado, lendo seus trabalhos para uma plateia formada por colegas e também por alunos do curso de Filosofia da UESC. Momentos antes, alguns alunos de graduação tinham apresentado no mesmo auditório suas comunicações e agora ouviam os estudantes do Ensino Médio tratando de temas filosóficos com razoável desenvoltura.

#### **4. Dificuldades**

A maior dificuldade enfrentada na realização do concurso foi a greve dos professores da rede pública estadual da Bahia. A greve durou cerca de 120 dias, do início de abril até agosto. Durante todo este período ficamos sem contato com os alunos o que prejudicou todo nosso cronograma. Quando a greve acabou, muitos alunos estavam desmotivados e sem muito ânimo para realizar as atividades. Além disso, tivemos que comprimir o prazo das etapas o que diminuiu o período de orientação dos alunos, antes planejado para quatro meses, ficou reduzido a um mês e meio.

Outra dificuldade foi a falta de orientação de alguns bolsistas quanto a escolha dos temas. Um número considerável de alunos escolheu temas que não correspondiam ao que estavam estudando naquele período. Dessa forma, acabaram por fazer redações que incorporaram pouco conteúdo filosófico, ficando presas às impressões pessoais sobre o tema sem muita criticidade.

#### **5. Resultados**

O resultado mais visível da experiência foi a melhoria na autoestima dos alunos. Os alunos das escolas públicas sentem-se, muitas vezes, abandonados tanto pelo poder público quanto por seus familiares e professores. O processo de avaliação adotado em muitos estados brasileiros e conhecido pelos professores como “aprovação automática” em muito contribui para isso. Ficar para recuperação por não ter atingido os objetivos propostos pelo professor é quase um prêmio, pois o aluno nessa condição tem a oportunidade de obter uma nota muito maior do que aquele que realmente estudou, sem quase nenhum esforço. Como as taxas de evasão são muito elevadas, os diretores são pressionados a manterem o nível de aprovação perto de 100%. É claro que ninguém é a favor da reprovação em massa, mas a recuperação não pode ser uma forma de facilitar a vida do aluno que, de fato, não aprendeu, muitas vezes, por já ter sido aprovado sem critérios em séries anteriores. O resultado disso tudo, além de nossos baixos níveis educacionais, é que os alunos ficam desmotivados a estudar, já que vão ser aprovados de qualquer maneira. Outra consequência é que os alunos do Ensino Médio têm a impressão, não sem fundamento, de que os professores não ligam para eles. São capazes de reconhecer que têm muitas dificuldades em seu aprendizado e que o ensino que estão recebendo pouco contribuirá em seu futuro, mas poucos têm motivação para mudar essa situação. Um efeito disso é que poucos pensam ser possível realizar um curso superior.

Com o nosso concurso, mostramos na prática que eles podem melhorar a forma de escrever e que a universidade não é um objetivo tão distante quanto imaginavam. Mesmo a partir da segunda etapa, quando só alguns alunos por sala continuaram participando, estes acabaram por servir de motivação para os outros, mostrando que este era um caminho possível de ser trilhado por qualquer um deles. Apresentar suas comunicações na UESC foi um momento de realização, apesar do natural nervosismo por estarem falando diante de um grande público. Na plateia seus colegas demonstraram um grande respeito, com um silêncio e interesse que dificilmente obtemos em uma sala de aula.

Outro resultado importante foi o protagonismo dos bolsistas ao orientarem seus alunos nas redações. Cada um desenvolveu sua própria metodologia e se sentiu responsável pelo resultado de seus orientandos. O concurso contribuiu para o

estreitamento da relação entre alunos e bolsistas permitindo uma maior parceria entre eles, coisa que não ocorre com frequência na prática docente, em que os professores têm uma carga de trabalho excessiva com pouco tempo para dedicar-se a um atendimento mais personalizado aos alunos.

Por fim, o concurso aproximou a escola pública da universidade. Os alunos do Ensino Médio não foram à UESC apenas como turistas, foram apresentar resultados do trabalho do PIBID desenvolvidos nas escolas. Além disso, foi possível que os graduandos de Filosofia que não estão no PIBID conhecessem o trabalho dos colegas e se acercassem mais da realidade da escola pública.

## 6. Referências

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LIPMAN, Matthew. *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEIRCE, Charles S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Editada por C. Hartshome, P. Weiss e A. Burks. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958, 8 volumes.